

ARMAR A TENDA NO SEXTO CONTINENTE

de Josefina Abigail Martinez

amt196@hotmail.com

RESUMO: O texto reflete sobre o chamado da Igreja a “armar a tenda” no ambiente digital, entendido como “sexto continente”, à luz do mistério da Encarnação. Destaca que o mundo virtual é um espaço real de vida e missão, onde os cristãos são enviados a testemunhar o Evangelho com autenticidade. Analisa desafios como superficialidade, fragmentação da identidade, desumanização, desinformação e polarização. Conclui que a presença cristã deve promover encontro, diálogo e comunhão, integrando fé e vida, e tornando visível, também no digital, o amor de Deus.

ABSTRACT: The text reflects on the Church's call to “pitch its tent” in the digital environment, understood as the “sixth continent,” in light of the mystery of the Incarnation. It emphasizes that the virtual world is a real space of life and mission, where Christians are sent to witness the Gospel authentically. It examines challenges such as superficiality, fragmented identity, dehumanization, misinformation, and polarization. It concludes that Christian presence should foster encounter, dialogue, and communion, integrating faith and life, and making God's love visible also in the digital world.

INTRODUÇÃO

A internet conecta pessoas de diferentes origens, culturas, interesses e experiências. Dá a possibilidade de promover encontros, trocas, partilhas e criação de comunidades que ultrapassam fronteiras geográficas. Nesse ambiente plural e dinâmico, surgem novas formas de comunicação, relação e expressão da vida humana.

Esse espaço é também chamado de “sexto continente” ou “continente virtual”. Nele, as pessoas constroem perfis e identidades digitais, por meio das quais expressam aspectos de sua personalidade, convicções, valores e visão de mundo. Trata-se, portanto, de um verdadeiro espaço cultural e existencial.

Pelo Batismo, todo cristão é enviado como discípulo-missionário. Somos, assim, chamados a “armar a tenda” também nesse mundo digital, reconhecendo-o como um lugar onde a vida humana acontece e onde Deus continua a agir. Somente assim é possível viver, também no ambiente virtual, o significado profundo do mistério da Encarnação.

Por meio da missão digital, a Igreja deseja construir pontes, promover o diálogo e oferecer esperança e consolo àqueles que buscam sentido para suas vidas. Ao abraçar a cultura digital, a Igreja procura cumprir sua missão de anunciar Cristo a todas as pessoas, em todos os lugares e por todos os meios legítimos.

Já a *Evangelii Nuntiandi* reconhecia a importância dos meios de comunicação como espaços a serem habitados pela Igreja:

Os meios de comunicação social, postos ao serviço do Evangelho, são suscetíveis de ampliar quase até ao infinito o campo para poder ser ouvida a Palavra de Deus e fazem com que a Boa Nova chegue a milhões de pessoas (EN 45).

Como todo continente, o mundo digital possui características próprias, desafios, riquezas e limites. Por isso, torna-se necessário aprofundar o que significa “armar a tenda” e viver o mistério da Encarnação tanto no mundo real quanto no mundo virtual.

1. POR QUE ARMAR A TENDA NO MUNDO VIRTUAL?

“O Verbo se fez carne e armou a sua tenda entre nós” (Jo 1, 14).

O prólogo do Evangelho de João revela o sentido mais profundo da Encarnação que é o amor radical de Deus pela humanidade. Deus se faz próximo, assume a condição humana e entra na história concreta do seu povo e da humanidade.

Ao “armar a sua tenda” entre nós, Deus caminha com a humanidade, entra numa cultura concreta, fala uma língua, participa da vida cotidiana e partilha as alegrias e os sofrimentos humanos. A tenda é sinal de presença, proximidade e permanência.

A Encarnação não é apenas um acontecimento do passado, mas um dinamismo permanente que orienta a missão da Igreja em todos os tempos e culturas. Não armar a tenda no mundo digital significa, hoje, correr o risco de romper com essa lógica encarnatória, deixando de estar presente onde a vida humana se expressa.

O mundo virtual constitui, atualmente, um novo espaço cultural e existencial. Ele não é estranho à ação de Deus, mas um campo onde o mistério da Encarnação continua a interpelar os fiéis a viver e anunciar o Evangelho com autenticidade e amor. O Papa Francisco recorda que a Igreja deve ser “uma Igreja em saída” (EG 20), chamada a ir ao encontro do outro. Essa saída inclui também os espaços digitais, onde muitas pessoas buscam sentido, comunhão e esperança.

O mandato missionário de Cristo permanece atual: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). Hoje, esse “todo o mundo” inclui também o ambiente digital. Somos chamados a reconhecê-lo como um lugar onde Deus se faz presente e onde nos convida a ser instrumentos do seu amor e da sua salvação. Assim, o testemunho cristão no mundo digital deve tornar o Evangelho palpável, construir comunhão e irradiar a luz de Cristo, por meio de uma presença humana, ética, responsável e compassiva.

2. ARMAR A TENDA ENTRE O REAL E O VIRTUAL

“Armar a tenda” significa entrar na realidade do outro, falar sua língua, assumir seus limites e partilhar suas alegrias, sofrimentos, sonhos e esperanças. Em Jesus Cristo, Deus torna-se alguém que pode ser visto, ouvido, tocado e encontrado. A fé cristã nasce do encontro real com Cristo e se expressa na vida concreta. Por isso, a Encarnação implica presença, relação e partilha.

O Concílio Vaticano II recorda que o Filho de Deus, ao se encarnar, uniu-se profundamente à condição humana: “O Filho de Deus, com a sua encarnação, uniu-se de certo modo a todo homem” (GS 22). Essa união não se limita a um tempo ou a

um espaço específicos, mas alcança todas as dimensões da vida humana. À luz da fé, o mundo virtual também faz parte dessa realidade humana onde homens e mulheres vivem, se expressam e se relacionam. Por isso, não pode ser considerado um território estranho à ação de Deus.

Viver a realidade da Encarnação hoje significa habitar o mundo real e o mundo virtual com uma fé encarnada, coerente, humilde e profundamente humana, permitindo que Cristo se torne visível por meio das palavras, atitudes e relações, inclusive no ambiente digital.

O Papa Francisco recorda que a fé não pode ser vivida de forma fragmentada, mas integrada à vida concreta: “Não se pode pensar numa evangelização desligada da vida real das pessoas” (EG 181). “Armar a tenda” entre o real e o virtual significa, portanto, manter a unidade da vida cristã. Não existem duas identidades, uma para o mundo físico e outra para o digital. O cristão é chamado a viver uma única identidade, enraizada no Batismo, que se expressa de modo coerente em todos os espaços da existência.

São João Paulo II já alertava que a evangelização da cultura moderna depende profundamente da forma como a Igreja se faz presente nos novos ambientes comunicativos: “A própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da influência dos meios de comunicação” (RMi, 37).

A presença digital da Igreja só é fecunda quando nasce de uma vida encarnada no mundo real. Ao mesmo tempo, o compromisso no mundo real pode ser enriquecido por relações, processos e caminhos que se iniciam no ambiente virtual. Trata-se de uma única missão, vivida em espaços diversos, mas orientada pelo mesmo Espírito.

Por isso, armar a tenda no mundo virtual não significa substituir o encontro presencial nem reduzir a fé a conteúdos digitais. Significa reconhecer que o dinamismo da Encarnação continua a orientar a missão da Igreja: Deus escolhe estar onde o ser humano está. Não habitar esse espaço seria correr o risco de romper com a lógica do Deus que se fez carne para caminhar com a humanidade.

3. OS DESAFIOS DE ARMAR A TENDA NO SEXTO CONTINENTE

Armar a tenda no mundo virtual, à luz do mistério da Encarnação, trata-se de um chamado exigente. Assim como todo continente, o ambiente digital apresenta riquezas, mas também limites e desafios que pedem discernimento espiritual, maturidade humana e responsabilidade cristã. Todos eles se conectam ao mistério de Cristo, que se fez carne para se unir à humanidade em sua totalidade.

3.1 A Superficialidade

Na era da comunicação instantânea, a velocidade tornou-se quase uma regra não escrita e, com ela, chega também a superficialidade. O grave perigo da superficialidade é que ela pode levar a relações frágeis, a comunicações rasas e a uma fé limitada a expressões passageiras, todas desconectadas da vida.

Esse não é apenas um problema de comunicação, mas também espiritual. Quando falta interioridade, a fé corre o risco de permanecer na aparência, sem enraizamento verdadeiro e sem capacidade de transformar a existência.

No entanto, o dinamismo da Encarnação revela que a verdadeira comunicação é presença, envolvimento e escuta atenta, e não apenas troca de informações. Deus não se comunica de forma distante ou abstrata, mas entra na história humana, assume a sua realidade e permanece. Em Jesus Cristo, comunicar significa aproximar-se, partilhar a vida e estabelecer uma relação que transforma.

É nesse horizonte que ressoa, com particular atualidade, o apelo do Papa Francisco, ao recordar que, mesmo em meio à abundância de mensagens, corremos o risco de perder o essencial: “Vivemos num tempo em que somos bombardeados por mensagens, mas corremos o risco de perder a capacidade de escutar.” (FRANCISCO, 2023) Por isso, ele insiste que não basta produzir conteúdo, mas é necessário que a comunicação seja capaz de gerar encontro, indicando um caminho que vá além da simples transmissão de informações.

Mais do que uma constatação, trata-se de um convite a redescobrir a escuta como fundamento da comunicação. Quando ela desaparece, o encontro se torna impossível, e a comunicação perde sua dimensão humana essencial.

Na cultura digital, marcada pela grande circulação de conteúdos religiosos, torna-se cada vez mais evidente que a credibilidade do anúncio cristão não depende da quantidade de mensagens, mas da coerência da vida que as sustenta.

Inculturar-se no mundo digital exige, portanto, ir além das aparências, cultivando autenticidade, verdade e unidade entre aquilo que se comunica e aquilo que se vive. Trata-se de favorecer experiências que conduzam ao encontro, ao amadurecimento da fé e à construção de vínculos verdadeiros.

3.2 A Fragmentação da Identidade

Se a superficialidade enfraquece a profundidade da comunicação, outro desafio emerge no ambiente digital: a fragmentação da identidade. No ambiente digital, é comum construir versões distintas de si mesmo em diferentes plataformas e contextos on-line, muitas vezes desconectadas da vida real e marcadas pela busca de reconhecimento, de aprovação ou de pertencimento. Isso pode gerar uma identidade fragmentada, na qual a pessoa perde a unidade interior e passa a viver de forma dividida entre o que é, o que mostra e o que deseja aparentar.

Jesus assume plenamente a condição humana, unificando em si todas as dimensões da existência: palavra, gestos e vida revelam uma profunda coerência. Assim, a Encarnação torna-se o fundamento de uma identidade integrada, na qual interioridade e exterioridade, fé e vida, relação com Deus e relação com os outros se harmonizam.

Nesse contexto, o Papa Francisco recorda que a comunicação autêntica está profundamente ligada à verdade da pessoa e não pode ser reduzida à construção de aparências. Por isso, insiste que não basta estar simplesmente conectado, mas é necessário viver relações verdadeiras e autênticas.

Habitar o mundo digital, portanto, é testemunhar essa unidade, vivendo uma identidade enraizada no Batismo e configurada a Cristo. Diante das tendências à fragmentação, o cristão é chamado a ser sinal de integração, autenticidade e coerência, permitindo que, também no ambiente virtual, se manifeste a verdade da pessoa humana como unidade chamada à comunhão. Sem essa unidade, corre-se o risco de um testemunho dividido e, por isso, pouco credível.

3.3 A desumanização e a Perda do Rosto Humano

Essa fragmentação também se reflete na forma como o outro é percebido. Na cultura digital, existe o risco de reduzir a pessoa a um perfil, a um número ou a um comentário, esquecendo que, por trás de cada tela, existe um rosto humano: portador de uma história, de feridas, de esperanças e de uma dignidade única. Essa lógica pode favorecer atitudes de indiferença, desrespeito e até agressividade, esvaziando a comunicação de sua dimensão mais profundamente humana.

O mistério da Encarnação, porém, revela que Deus não permaneceu distante, mas assumiu um rosto humano em Jesus Cristo, tornando-se alguém que pode ser encontrado, olhado e reconhecido. Em Cristo, cada pessoa é vista, chamada pelo nome e acolhida na sua dignidade, recordando que toda relação autêntica passa pelo reconhecimento do outro como pessoa.

Nesse horizonte, o Papa Francisco chama atenção para os desafios trazidos pelas novas tecnologias, especialmente a inteligência artificial, advertindo que:

“O risco é grande! O poder da simulação é tal que a IA pode também iludir-nos com a construção de ‘realidades’ paralelas, apropriando-se dos nossos rostos e das nossas vozes [...] A internet pode ser um lugar rico de humanidade; não uma rede de fios, mas de pessoas.” (FRANCISCO, 2019)

Diante desse cenário, torna-se essencial promover uma comunicação que não fragilize, mas fortaleça os vínculos humanos, cultivando relações marcadas pela verdade, pela confiança e pelo

respeito. Na mesma perspectiva, a tradição da Igreja recorda que cada pessoa possui uma vocação insubstituível e irrepetível, que se manifesta também na comunicação com os outros.

À luz da fé cristã, cada rosto humano torna-se lugar de encontro com o próprio Cristo, que se identifica com cada pessoa, especialmente com os mais vulneráveis. Perder a percepção do rosto do outro significa, de certo modo, perder também a capacidade de reconhecer a ação de Deus na história.

Inculturar-se no sexto continente significa, portanto, fortalecer a centralidade da pessoa no ambiente digital: reconhecer em cada interlocutor uma presença única, escutar com atenção, agir com respeito e cultivar relações que tornem visível, também no mundo virtual, a dignidade humana e a presença de Deus. Assim, também no ambiente digital, o encontro com o outro pode tornar-se lugar de revelação do amor de Deus.

3.4 A Desinformação e a Manipulação da Verdade

Quando a verdade da pessoa se fragiliza, também a verdade da informação se torna vulnerável. No Evangelho de João, Jesus afirma: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Para a fé cristã, a verdade não é apenas um conceito, mas uma Pessoa que se revela e comunica. Em Cristo, ela torna-se próxima e relacional. A Encarnação revela, portanto, que a verdade se comunica no encontro e na coerência da vida.

No ambiente digital, porém, a difusão de notícias falsas e conteúdos manipulados desafia essa compreensão, gerando confusão, divisão e perda de confiança. O Papa Francisco adverte que os sistemas digitais podem influenciar a percepção da realidade, tornando difícil distinguir o verdadeiro do falso.

Diante disso, o cristão é chamado a testemunhar uma verdade que não se impõe, mas se oferece e, assim, constrói comunhão. Armar a tenda no mundo digital implica compromisso com a verdade: verificar informações, comunicar com responsabilidade e cultivar o discernimento.

Mais do que transmitir conteúdos, trata-se de viver uma comunicação coerente com o Evangelho, promovendo o diálogo e a unidade. Assim, também no sexto continente, a verdade torna-se presença vivida, capaz de gerar confiança e encontro.

3.5 Polarização e Falta de Diálogo

Como consequência, cresce um ambiente marcado pela polarização e pela dificuldade de diálogo. Deus se revelou e inseriu-se na pluralidade da vida humana, relacionando-se com pessoas de diversas origens, ideias e condições. Em Jesus Cristo, o encontro com o outro não se dá pela imposição, mas pela proximidade, pela escuta e pelo acolhimento. Deus não permanece distante, mas se faz vulnerável, assume a condição humana e entra na história como presença que encontra e transforma.

No mundo digital, porém, observa-se a tendência de formar “bolhas” ideológicas, nas quais o diferente é percebido como ameaça. Nesse contexto, a crítica facilmente transforma-se em agressão, e o diálogo dá lugar ao confronto. A rapidez, o excesso de informações e a constante necessidade de se posicionar favorecem uma comunicação marcada por opiniões que não se encontram, gerando polarizações, julgamentos e incompreensões. Não raramente, surgem agressividade e discursos de ódio, esvaziando a comunicação de sua vocação ao encontro.

O Papa Francisco recorda que “a comunicação não é apenas transmissão de informações, mas criação de uma cultura do encontro” (EG 220) e, na Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2022, sublinha que “a escuta é o primeiro e indispensável ingrediente do diálogo e da boa comunicação”. Quando a escuta desaparece, não se perde apenas a qualidade da comunicação, mas também a possibilidade de reconhecer o outro como dom e como mistério.

A partir da Encarnação, esse desafio encontra seu sentido mais profundo. Em Jesus, Deus não apenas fala, mas entra em relação com a humanidade, acolhendo sua história, suas dores e suas esperanças. Antes de anunciar, Ele se faz presença e relação,

revelando que toda verdadeira comunicação nasce de um coração capaz de acolher.

Por isso, a comunicação cristã não pode ser reduzida à transmissão de conteúdos, mas deve refletir esse dinamismo de proximidade. À imagem de Cristo, o cristão é chamado a cultivar uma escuta que acolhe, compreende e acompanha, tornando possível um diálogo que não impõe, mas constrói comunhão.

Armar a tenda no sexto continente significa habitar o ambiente digital com essa atitude encarnada: escutar mais do que falar, compreender antes de responder e criar vínculos autênticos. Significa também abrir espaços de diálogo respeitoso, reconhecendo no outro um reflexo de Deus. Assim, o ambiente digital pode tornar-se lugar de encontro, onde a comunicação não apenas transmite palavras, mas se torna sinal da presença de Deus entre as pessoas.

CONCLUSÃO

“Armar a tenda” no sexto continente é um dos grandes desafios e, ao mesmo tempo, uma das mais fecundas oportunidades para a missão da Igreja no nosso tempo. O mundo digital não é apenas um instrumento, mas um verdadeiro espaço de vida, onde homens e mulheres pensam, se relacionam, buscam sentido e expressam suas esperanças e angústias.

À luz do mistério da Encarnação, a presença da Igreja nesse ambiente não pode ser superficial nem meramente funcional. Assim como o Verbo de Deus se fez carne e entrou na história humana com proximidade, humildade e amor, também os discípulos de Cristo são chamados a habitar o mundo digital com uma presença autêntica, que saiba escutar, dialogar e acompanhar.

A missão no ambiente digital exige, portanto, mais do que competência técnica: requer uma fé viva, uma identidade unificada e um profundo discernimento espiritual. Trata-se de testemunhar o Evangelho não apenas por meio de conteúdos, mas sobretudo por meio de relações que tornem visível

a presença de Deus. Nesse sentido, “armar a tenda” significa transformar o ambiente virtual em espaço de encontro, comunhão e esperança.

Ao mesmo tempo, os desafios do sexto continente: a superficialidade, a fragmentação da identidade, a desumanização, a desinformação e a polarização: interpelam a Igreja a uma presença consciente, ética e responsável. Como recorda o Papa Francisco, a comunicação só é verdadeiramente humana quando nasce do coração e é capaz de gerar vínculos e promover a cultura do encontro.

Assim, a Igreja é chamada a ser, também no mundo digital, sinal da presença de Deus que caminha com a humanidade. Não se trata de substituir o encontro real, mas de integrá-lo, reconhecendo que o mesmo Deus que se fez próximo na história continua a agir em todos os espaços onde a vida humana se manifesta.

Armar a tenda no sexto continente é, portanto, participar da própria missão de Cristo: ir ao encontro de cada pessoa, em todos os lugares, com uma presença que revela o amor de Deus. É permitir que, também no ambiente digital, resplandeça a luz do Evangelho, construindo pontes, promovendo a comunhão e abrindo caminhos de esperança para o mundo de hoje. Assim, também no sexto continente, a Igreja continua a cumprir sua missão: tornar visível, na história concreta da humanidade, o Deus que se fez próximo, humano e presente.

PARA REFLETIR

- Como podemos encontrar a Deus no ambiente virtual?
- Minha presença digital revela Cristo?
- Estamos “armando a tenda” ou só publicando conteúdo?
- Enviado para anunciar o Evangelho no sexto continente, como enfrento esses desafios de hoje no continente virtual?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual*. Vaticano, 1965.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Vaticano, 2013.

_____. *Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais 2019*. Vaticano, 2019.

_____. *Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais 2022*. Vaticano, 2022.

_____. *Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais 2023*. Vaticano, 2023.

_____. *Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2024*. Vaticano, 2024.

JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio: Sobre a validade permanente do mandato missionário*. Vaticano, 1990.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi: Sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. Vaticano, 1975.